II ENEHISP

CADERNO DE RESUMOS

Simpósio Temático 5

St5 HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE, POLÍTICA E MOVIMENTOS SOCIAIS

COORDENADO POR



Pedro Carvalho Oliveira

PPGH Unimontes
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

LAPPS ufjf
LABORATÓRIO DE HISTÓRIA POLÍTICA E SOCIAL

Grupo de Estudos e Pesquisa do Pensamento Autoritário



CRONOGRAMA DE APRESENTAÇÕES

HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE, POLÍTICA E MOVIMENTOS SOCIAIS

9 DE OUTUBRO DAS 14H ÀS 18H | GOOGLE MEET

COORDENAÇÃO

Pedro Carvalho Oliveira
Doutor, Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf). pedro.co@univasf.edu.br

SESSÃO ÚNICA

9 de outubro, das 14h às 18h

ORDEM	TÍTULO DO TRABALHO	HORÁRIO
1	Imprensa e ascensão da extrema direita no Brasil: as eleições de 2018 nos editoriais do jornal O Estado de São Paulo	14h10
2	A presença do passado: violência de gênero e regimes de historicidade no Brasil contemporâneo	14h30
3	Fascismo musical: a presença dos fascismos no Brasil e na Argentina em perspectiva comparada	14h50
4	Francisco Julião, entre o afeto e o desapreço: um estudo sobre História e Memória	15h10
5	A face dos fascismos: a propaganda fascista em cartazes e panfletos (1922-1933)	15h30
6	A presença do fascismo no Brasil: o caso da Frente Integralista Brasileira	15h50
7	"Sou Messias, mas não faço milagre": um estudo sobre negacionismo e traumas coletivos durante a pandemia de Covid-19	16h10
8	A presença dos fascismos em diferentes olhares: um estudo sobre História e Cinema	16h30
9	O rap contra o esquecimento: memória, terrorismo de Estado e resistência política em Primavera Fascista 2	16h50
10	O Cogumelo Envenenado: o antissemitismo nazista e a educação para o Holocausto	17h10

Imprensa e ascensão da extrema direita no Brasil:
as eleições de 2018 nos editoriais do jornal O Estado de São Paulo

Roberta Lisana Rocha Santos[1]

A presente proposta de comunicação visa discorrer acerca do posicionamento político do jornal O Estado de São Paulo (OESP) durante as eleições de 2018. As hipóteses que norteiam este trabalho partem da perspectiva de que o pleito daquele ano constituiu um momento atípico na cena política nacional, com a eleição do candidato de extrema-direita, Jair Messias Bolsonaro. Além disso, a chegada do capitão da reserva ao poder político é fruto de um longo processo histórico iniciado no golpe de 2016, que depôs a presidente eleita, Dilma Rousseff. Neste âmbito, a atuação da grande imprensa teve papel basilar, tendo em vista a campanha política protagonizada pela mídia com o intuito de descredibilizar os governos do PT, associada ao debate anticorrupção e à defesa da austeridade fiscal. Logo, a intenção aqui é analisar, a partir dos editoriais publicados pelo OESP durante o primeiro e o segundo turnos do pleito de 2018, o posicionamento assumido pelo jornal nesses dois momentos. Busca-se, ainda, compreender em que medida o veículo contribuiu para a difusão e construção de valores e visões de mundo antipetistas, paralelamente ao crescimento de uma onda conservadora que levou uma parcela da população a embarcar em um projeto marcadamente antidemocrático e autoritário.

Palavras-chave: Antipetismo; eleições e imprensa.

[1] Doutora em História (Unioeste). Docente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). roberta.lisana@gmail.com

A presença do passado:
violência de gênero e regimes de historicidade no Brasil contemporâneo

Débora Pereira Mendes [2]

Introdução:Este trabalho parte da História do Tempo Presente para analisar a violência doméstica contra a mulher no Brasil como expressão de um passado patriarcal que não se encerrou, mas insiste em atravessar o presente. A "presença da ausência" que interessa a essa área da História se manifesta em estruturas de dominação pretéritas que seguem operando sobre decisões políticas e práticas cotidianas. A permanência da violência de gênero mesmo após a Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006) é um caso exemplar: o patriarcado sobrevive nas redes sociais e nos índices de feminicídio, provando que esse passado se comunica com o presente pela memória e pela linguagem jurídica (TELES; MELO, 2003, p. 14).Método: Adotou-se a revisão bibliográfica de obras da Teoria da História e do Direito, com destaque para os conceitos de regime de historicidade (HARTOG, 2013) e de espaço de experiência e horizonte de expectativa (KOSELLECK, 2006), articulados à análise da legislação nacional sobre violência contra a mulher.Resultados e Discussão: Koselleck (2006, p. 305) permite compreender a tensão entre experiência e expectativa que moveu o feminismo dos anos 1960-70 a projetar um futuro de igualdade rompendo com o silêncio. Hartog (2013, p. 11) oferece a chave dos "regimes de historicidade": a criminalização dos crimes passionais revela a passagem de um regime em que o passado patriarcal ditava o presente para um regime presentista, no qual a urgência da proteção imediata apaga a profundidade histórica do problema (HARTOG, 2013, p. 28). Bourdieu (2002, p. 7) e Foucault (apud SAFFIOTI, 2004, p. 13) explicam por que essa violência simbólica resiste às mudanças legais: o habitus naturaliza a dominação masculina e exige reeducação das percepções sociais. Chartier (2002, p. 13) mostra que as representações da mulher: de "anjo do lar" a sujeito de direitos, produzem efeitos reais de poder, explicando por que a violência doméstica deixou de ser "segredo de família" e passou a ser questão de Estado (CHARTIER, 2002, p. 85).Considerações Finais: Conclui-se que a Lei Maria da Penha não encerra uma trilha histórica, mas inaugura um campo de disputa entre memória e esquecimento. Reconectar o presente às lutas feministas evita que os avanços sejam capturados por um presentismo que trata a violência de gênero como fenômeno isolado, herança viva de um tempo que se recusa a passar.

Palavras-chave: História do Tempo Presente. Violência de Gênero. Lei Maria da Penha.

[2] Mestranda, PPGH/Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Bolsista: FAPEMIG. debypmendes@gmail.com

Fascismo musical:
a presença dos fascismos no Brasil e na Argentina em perspectiva comparada

Iany Lais Carneiro Silva [3]

Esta comunicação propõe uma análise sobre a presença dos fascismos no Brasil e na Argentina a partir da investigação de músicas que fazem apologia aos fascismos. Estas músicas foram produzidas pelas bandas Brigada NS e Comando Blindado (Brasil) e Nüremberg e Ultras Sur (Argentina) nas décadas passadas, em momentos contíguos. Todas elas, concomitantemente, compuseram músicas que sintetizam visões de mundo fascista, as difundem e registram suas especificidades. É justamente este o substrato da nossa investigação: a busca por identificar semelhanças e diferenças entre o comportamento fascista em dois países vizinhos, que compartilham elementos da identidade latino-americana ao mesmo tempo em que possuem suas singularidades. Neste sentido, nossa pesquisa buscou identificar como ideias fascistas têm se comportado nos dois espaços em um passado recente, mantendo relações de ruptura e continuidade com ideias surgidas no início do século XX que ainda influenciam as sociedades contemporâneas.

Palavras-chave: Fascismo; Rock fascista; História Comparada.

[3] Graduanda em História, Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf). Bolsista: Pibid-Capes. iany.carneiro@discente.univasf.edu.br

Francisco Julião, entre o afeto e o desapreço:
um estudo sobre História e Memória

Bruna Rafaella Santana Santos[4]

A presente comunicação se refere a um projeto de pesquisa em fase inicial, que propõe analisar as múltiplas perspectivas sobre Francisco Julião, importante personagem político para a história do Brasil e do Nordeste brasileiro no contexto da Guerra Fria. Do ponto de vista da diplomacia dos Estados Unidos, temerosa de que a revolução social se espalhasse pela América Latina após a Revolução Cubana, Julião era um agitador subversivo. Para o próprio Julião, ele era um militante da causa camponesa, defensor da reforma agrária e dos pobres. Contudo, o que dizem memórias pessoas de pessoas que conviveram com Julião, mantendo com nosso personagem relações complexas? Nosso trabalho examinará Julião na intersecção entre a imagem criada pelos EUA, pelo nosso próprio objeto de estudo e por memórias de pessoas próximas a ele. Para isto, utilizaremos documentos produzidos por diplomatas estadunidenses nos quais analisam o perfil político de Julião, a "Cartilha do Camponês", no qual Julião expressa intenções e discursos políticos próprios e depoimentos pessoas de pessoas que conviveram com ele. Assim, nosso trabalho se dedica a contribuir com as discussões sobre História e Memória.

Palavras-chave: Francisco Julião; História e Memória; Nordeste.

[4] Graduanda em História, Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf). Bolsista: Pibid-Capes/Univasf. santana.rafaella98@gmail.com

A face dos fascismos:
a propaganda fascista em cartazes e panfletos (1922-1933)

Luma Silva de Jesus [5]

A presente comunicação se refere a um projeto de pesquisa em fase inicial, que propõe uma investigação sobre a propaganda fascista em cartazes e panfletos produzidos na Itália e na Alemanha, entre os anos de 1922 (momento em que o fascismo toma o poder em Roma) e 1933 (ano de ascensão do nazismo). Este tipo de propaganda era voltado a persuadir os sujeitos a aderirem aos projetos políticos do fascismo e do nazismo e, ao mesmo tempo, dissuadi-los de abraçarem projetos inimigos, como os sistemas democráticos. Acreditamos que, por se tratar de um produto das relações coletivas no âmbito da difusão ideológica de grandes movimentos, esses cartazes são ricas fontes históricas para pensarmos as adversidades dos fascismos, tanto na Itália quanto na Alemanha. Portanto, pretendemos localizar o que há de comum entre os casos e o que os difere, contribuindo assim para uma visão mais completa do pensamento fascista.

Palavras-chave: Fascismo; nazismo; propaganda.

[5] Graduanda em História, Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf). Bolsista: Pibid-Capes. luma.silva@discente.univasf.edu.br

A presença do fascismo no Brasil:
o caso da Frente Integralista Brasileira

Ráica Ribeiro da Cunha [6]

Esta comunicação tem como objetivo discutir como a Frente Integralista Brasileira (FIB) nos permite compreender de que forma o integralismo se comporta na atualidade. Nos anos 1930, o integralismo foi a versão brasileira do fascismo italiano, que desde a década anterior havia se tornado pujante na Europa como reação à Revolução Russa de 1917 e à crise das democracias liberais. No Brasil, a Ação Integralista Brasileira tornou-se o maior movimento de massas alinhado ao fascismo fora do continente europeu naquela quadra histórica. Desde o fim da Segunda Guerra Mundial e da queda das ditaduras na Itália e na Alemanha, o integralismo foi alçado ao ostracismo em nosso país, embora tenha buscado meios para continuar atuando. Recentemente, a Frente Integralista Brasileira (FIB) se tornou uma de suas plataformas de sobrevivência. Nosso foco se destinará à página virtual da FIB, onde é possível encontrarmos materiais referentes à sua doutrina e que nos permitirão perceber as rupturas e continuidades entre o integralismo do passado e do presente.

Palavras-chave: Integralismo; fascismo; História do Tempo Presente.

[6] Graduanda em História, Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf). Bolsista: Pibid-Capes. raica.ribeiro@discente.univasf.edu.br

"Sou Messias, mas não faço milagre":
um estudo sobre negacionismo e traumas coletivos durante a pandemia de Covid-19

Raiana de Sousa Reis[7]

A presente comunicação se refere a um projeto de pesquisa em fase inicial, que propõe analisar os discursos do ex-presidente Jair Bolsonaro sobre a pandemia da Covid-19, cujo início se deu em meio ao seu primeiro e único mandato (2019-2022). Do nosso ponto de vista, os discursos políticos produzem sentido e organizam a realidade social, causando severos impactos sobre ela. Neste sentido, entendemos que a linguagem discursiva é um instrumento político de dominação. Nosso propósito é analisar os discursos do ex-presidente sobre a pandemia, tendo em vista sua intenção de protelar as medidas cautelares sugeridas pelos órgãos de saúde para evitar perdas econômicas que comprometessem seu mandato. Ao mesmo tempo, observaremos como estes discursos se amparavam em um aberto negacionismo científico. Com isso, poderemos contribuir para um exame acurado da pandemia da Covid-19 como um trauma coletivo, à luz das investigações propostas pela História do Tempo Presente.

Palavras-chave: pandemia; História Política; História do Tempo Presente.

[7] Graduanda em História, Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf). Bolsista: Pibid-Capes. raiana.sousa@discente.univasf.edu.br

A presença dos fascismos em diferentes olhares:
um estudo sobre História e Cinema

Luana Pereira de Santana Silva [8]

Esta comunicação tem como objetivo discutir a presença dos fascismos na contemporaneidade por meio do cinema, examinando como suas ideias têm sido representadas e como os filmes nos servem de fonte documental para a investigação histórica sobre a forma na qual os fascismos são abordados, definindo uma imagem específica na atualidade. Para tanto, nos debruçaremos sobre três filmes, produzidos nas décadas de 2000 e 2010: A Queda (2004), A Onda (2008) e Jojo Rabbit (2019). Ao fim da Segunda Guerra Mundial e da ruína das ditaduras fascistas na Europa, os fascismos permaneceram vivos tanto na memória das testemunhas da catástrofe humana, quanto no desejo de muitas pessoas em trazê-los de volta após o ostracismo no qual caíram, depois de revelados os crimes de guerra cometidos pelos seus líderes. A presença dos fascismos em nossos dias se faz de diversas formas, inclusive por meio de abordagens cinematográficas que jogam luz sobre esse fenômeno longevo e representam-no de formas distintas em nosso tempo.

Palavras-chave: História e Cinema; nazismo; Tempo Presente.

[8] Graduanda em História, Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf). Bolsista: Pibid-Capes. luana.pssilva@discente.univasf.edu.br

O rap contra o esquecimento:
memória, terrorismo de Estado e resistência política em Primavera Fascista 2

Kelle Shaiene Ferreira [9]
Pedro Paulo da Cunha Ferreira [10]

A História do Tempo Presente dedica-se à investigação das múltiplas formas pelas quais acontecimentos traumáticos continuam produzindo efeitos políticos, sociais e culturais nas sociedades contemporâneas (Rousso, 2016; Hartog, 2013). Nesse contexto, o presente trabalho propõe analisar a canção "Primavera Fascista 2", lançada em 2022 por um coletivo de artistas do rap nacional, como fonte histórica para a compreensão das disputas de memória em torno do autoritarismo e da democracia no Brasil contemporâneo. Partindo da compreensão da música popular como documento histórico (Napolitano, 2002), busca-se examinar como a obra articula memórias da ditadura militar, críticas à violência estatal e percepções sobre a conjuntura política recente. Em diversos momentos, a canção estabelece relações entre passado e presente, denunciando a permanência de práticas autoritárias e seus impactos sobre grupos historicamente marginalizados. Tal perspectiva pode ser observada em versos como: "não acabou em 85", expressão que mobiliza a memória do regime militar para questionar a ideia de ruptura completa com estruturas de violência e exclusão presentes na sociedade brasileira. A pesquisa fundamenta-se nos debates sobre memória social e enquadramentos do passado (Pollak, 1989), bem como nas reflexões acerca das relações entre história, memória e cultura política (Rousso, 2016). Metodologicamente, realiza-se uma análise qualitativa da letra da música, articulada à bibliografia da História do Tempo Presente e aos estudos sobre cultura hip hop e produção de narrativas contra-hegemônicas. Argumenta-se que o rap constitui um espaço de elaboração crítica do passado e do presente, permitindo a construção de interpretações que desafiam narrativas oficiais e disputam sentidos sobre democracia, direitos humanos e justiça social. Dessa forma, o estudo busca demonstrar como "Primavera Fascista 2" opera como um artefato cultural de memória, convertendo experiências históricas e conflitos contemporâneos em linguagem artística e intervenção política, o que a torna uma fonte relevante para a compreensão dos embates em torno do passado vivo que caracterizam o Tempo Presente.

Palavras-chave: História do Tempo Presente; Memória Social; Rap Nacional; Autoritarismo; Cultura Hip Hop.

[9] Graduanda, Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). kelle.1498088@discente.uemg.br

[10] Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). pedro.ferreira@uemg.br

O Cogumelo Envenenado:
o antissemitismo nazista e a educação para o Holocausto

Bianca de Jesus Dantas [11]

A presente comunicação se refere a um projeto de pesquisa em fase inicial, que propõe investigar como o nazismo instrumentalizou discursos antissemitas para criar um consenso eliminacionista entre a população alemã durante o Terceiro Reich (1935-1945). Do nosso ponto de vista, o assassinato sistemático de judeus em campos de extermínio empreendido pelos nazistas foi o ápice de uma política de desumanização contínua, iniciada nos primeiros anos de governo do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães. Tal política foi lastreada por leis e propagandas que imputavam sobre os judeus uma desumanização sistemática, que atravessava até mesmo o sistema escolar. Para comprovarmos isto, nossa pesquisa realizará um estudo de caso sobre o livro paradidático O Cogumelo Envenenado (Der Giftpilz), escrito por Ernst Hiemer, publicado em 1938 por Julius Streicher e amplamente utilizado nas escolas alemãs. O objetivo é compreender como o antissemitismo nazista era ensinado a fim de perceber a lógica eliminacionista de seu projeto político.

Palavras-chave: nazismo; Holocausto; antissemitismo.

[11] Graduanda em História, Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf). Bolsista: Pibid-Capes. bianca.jesus@discente.univasf.edu.br

II ENEHISP

PPGH Unimontes
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

LAPPS ufjf
LABORATÓRIO DE HISTÓRIA POLÍTICA E SOCIAL



Grupo de
Estudos e Pesquisa do
Pensamento Autoritário